



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12620 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

**CURRÍCULOS (DES)COMPORTADOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: o que pode o delírio do verbo e o idioma da (des)invenção?**

Vanessa Galindo Alves de Melo - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Conceição Gislane Nóbrega Lima de Salles - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

**CURRÍCULOS (DES)COMPORTADOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: o que pode o delírio do verbo e o idioma da (des)invenção?**

## 1 INTRODUÇÃO

Desinventar objetos. O pente, por exemplo.  
Dar ao pente funções de não pentear. Até que  
ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou  
uma gravanha.

Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.  
(BARROS, 2016, p. 17)

Os versos de Manoel de Barros (2016) sobre a “didática da desinvenção” nos convocam a um gesto de abertura à infância e à discussão de currículo. Ou seria um convite para escutar a infância que habita os currículos invencionados pelas crianças da Educação Infantil? Em que medida podemos pensar a (des)invenção no cotidiano da Educação Infantil e aprender com a infância, que diz de si mesma e do mundo sobre quais currículos deseja e invencionaria?

Essas questões nos possibilitam problematizar os currículos que são invencionados a partir de uma língua que ainda não tem idioma (BARROS, 2016). Uma língua infantil que delira, tal como nos provoca a pensar Manoel de Barros no livro *das ignorâncias* (BARROS, 2016). Numa tentativa de traduzir esses versos, Santos (2011, p. 160) expõe que “O Delírio tem a ver [...] com interpretação disparatada da realidade. Sendo assim, se o verbo delira, parte para outras interpretações da realidade, rompendo com o uso comum da linguagem a fim de criar novos sentidos” (SANTOS, 2011, p. 160). Quando o verbo delira, a palavra é desinventada? Essa palavra infantil que criancieira seria a infância de uma palavra ?

Nos aproximamos da infância, para pensá-la como "condição da experiência" (KOHAN, 2007, p.86), que pode habitar uma criança, mas também, um adulto, um idoso, as professoras ou mesmo uma palavra (des)inventada. E por que não pensar uma infância para os currículos da Educação Infantil? Pensar uma infância para os currículos nos deslocou a pensar os currículos que se compõem com a diferença, a partir do encontro com o pensamento deleuziano (DELEUZE, 1992) e a infância problematizada por Kohan (2004), no encontro com a filosofia.

Assim, nos movemos pelo território da pesquisa, considerando o gesto de “dar a escuta” (SKLIAR, 2019) como possibilidade de estarmos com as crianças e fazermos pesquisa com elas. Um exercício mobilizado por uma inspiração cartográfica (BARROS; KASTRUP, 2015) como um convite à experimentação e à possibilidade de manter o corpo intensivamente atravessado pelos “afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2011, p.23).

Em nossa pesquisa delimitamos como território existencial de investigação um Centro Municipal de Educação Infantil-CMEI, onde estivemos com 28 (vinte e oito) crianças de duas turmas de pré-escola. As conversas foram mobilizadas pela potencialização dos encontros (FERRAÇO; ALVES, 2018) e instaurações (LAPOUJADE, 2017) como movimentos, que partiam de invenções nossas, das crianças e das professoras. Experimentamos, com as crianças, momentos lúdicos, com contação de histórias e oficinas com materiais não-estruturados.

Nesta direção, o presente texto resulta das reflexões oriundas de uma pesquisa experienciada no (per)curso de Mestrado, e objetiva cartografar os dizeres, fazeres e aprenderes infantis para pensar com as crianças e a infância outros modos de (des)inventar os currículos da Educação Infantil.

## **2 (DES)INVENTANDO PALAVRAS PARA DAR A LER O ENCONTRO ENTRE CURRÍCULO, INFÂNCIA E DIFERENÇA**

O convite de Manoel de Barros (2016) para desinventar objetos, nos lançou ao encontro com diferentes intercessores teóricos, para pensar a relação entre currículo, infância e diferença, como possibilidade de questionar e potencializar outros modos de composições curriculares.

Currículos (des)inventados, múltiplos, em ploriferação de sentidos, cuja língua, falava um idioma diferente das funções ora estabelecidas. Esses currículos (des)inventaram a norma, os ordenamentos, a linearidade e a previsibilidade; Lançando um convite a dar passagem a fluxos de acontecimentos para um encontro com a Diferença. O que pode esse encontro?

Pensar os currículos com a diferença deleuzeana (1992) nos coloca em movimento e descentraliza nosso olhar da identidade e da fixação nos convidando à escapar em linhas de fuga. Paraíso (2010) também, nos ajuda a pensar a diferença a partir de Deleuze em suas problematizações:

Em vez da identidade, que tenta reduzir a diversidade a um elemento comum, Deleuze prefere a diferença em si, a variação, a multiplicação, a disseminação e a proliferação. [...] Em vez do uno, do todo, da origem, valoriza a multiplicidade, a diferenciação, a repetição e a improvisação.

(PARAÍSO, 2010, p.588)

A diferença a partir do que nos provoca Deleuze (1992), não significa recusa à identidade, mas possibilidade de problematizá-la e questioná-la, tal como o poeta que ao desinventar os objetos questiona a função das coisas. Esse movimento de pensamento nos convida a deslizar por outra imagem de infância, para além do que já nos foi dado, e pensá-la como condição da experiência humana (KOHAN, 2017;); alteridade (LARROSA, 2006), nomadismo, devir (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Uma infância que vaza e escapa às tentativas de fixação, que não deseja se afirmar como isso ou aquilo, mas que é sempre “E”... Uma perspectiva de multiplicidade e potência que segundo Deleuze (1992, p.60-61) “[...] é sobre essa linha de fuga que as coisas se passam, os devires se fazem, as revoluções se esboçam”.

Nessa perspectiva Kohan (2004) também nos provoca a pensar em duas infâncias: “Infância majoritária” e “Infância minoritária”, a partir do diálogo com os conceitos de macro e micropolítica de Deleuze e Guattari (1997). Para o autor, a primeira seria a infância das formas sociais, da história, da maioria, do tempo cronológico, marcada por etapas, estágios de desenvolvimento que ocupam os espaços institucionais. A segunda “[...] é a infância como experiência, como acontecimento, como ruptura da história, como revolução, como resistência e como criação” (KOHAN, 2004, p. 63). Falar dessas duas infâncias, não significa desejar uma e excluir a outra, até mesmo, porque, elas se encontram no entrecruzamento das linhas temporais (KOHAN, 2004) e da própria existência.

Pensar os currículos da Educação Infantil partindo desses encontros tira o foco dos currículos prescritivos, majoritariamente pensados, lineares e identitários; e nos possibilita (des)inventar as formas curriculares que operam nos territórios para perceber em um idioma que ainda não existe. Nos aproximamos, assim, das discussões que pensam os currículos em articulação com a vida, à medida que nos envolvemos com ele, refletimos sobre e com ele (CARVALHO, 2009). Currículos em composição nas linhas de fugas traçadas; linhas (des)comportadas que escorregam nas rampas, no pátio do CMEI, (re)inventando roteiros, fugindo das formas, das padronizações, quando estas insistem em prendê-los (ZOUAIN, 2019).

### 3 CURRÍCULOS (DES)COMPORTADOS E A POÉTICA DA (DES)INVENÇÃO

Partindo da consideração da infância, como movimento de devir e criação, nos lançamos ao encontro das crianças do CMEI para exercitarmos o pensamento em torno dos possíveis nas composições dos currículos da Educação Infantil. Nesses deslocamentos, fomos cartografando, em meio a potência dos dizeres infantis que questionavam a ideia de currículos cristalizados que reduziam a potência de agir dos corpos das crianças e, buscavam afirmar por meio da “didática da desinvenção” (BARROS, 2016), outros modos (im)possíveis de composições curriculares da Educação Infantil.

*Criança: – Eu Fui Descomportado!*

*Pesquisadora: – Descomportado? Como assim, você pode me explicar?*

*Criança: – Sim, eu fui descomportado na sala.*

*Pesquisadora: – E o que é ser descomportado?*

*Criança: – Deus fica alegre e feliz né? Se for comportado.*

*Pesquisadora: – Mas, você foi comportado ou descomportado?*

*Criança: – Descomportado... porque minha mãe não deixa eu ficar em casa.*

*Professora: – E você queria ficar em casa?*

*Criança: – Sim! Agora, eu vou escorregar...*

*(Chaves Marelúcio - Pré II - Novembro de 2019)*

*Chaves Marelúcio*, criança apresentada na conversação da pesquisa, desliza por entre linhas de fuga, dos dispositivos da sala de aula e do currículo que o concebem como “um aluno” que precisa aprender. Seus movimentos de resistência e a potência dos seus dizeres, aprenderes e fazeres nos convidam a pensar: O que deseja Chaves Marelúcio sobre a escola e os currículos? O que podemos aprender com seu (des)comportamento?

Em outro momento de conversação, *Chaves Marelúcio*, dizia ser (des)comportado, porque sua mãe não o deixava ficar em casa e ele queria ir para casa porque podia brincar mais. Em seus dizeres e fazeres, a infância protestava a respeito da organização dos currículos da Educação Infantil, onde cada vez menos há tempo e espaço para o brincar e, por vezes, essa redução acontece, pois, “A criança está empobrecida no aluno, no pequeno consumidor, empobrecida em ideias preconcebidas de infância” (ABRAMOWICZ, 2020, p. 13).

No entanto, as crianças e a infância, em seus movimentos "engedram resistências" (CARVALHO, 2012, p.44) e instauram linhas que operam na multiplicidade e não mais no decalque. Linhas que anunciam palavras que não têm idioma e que desenham, com giz de cera, outros currículos da Educação Infantil. Currículos que escapam nas rampas, no pátio, nos corredores do CMEI, com a infância minoritária (KOHAN, 2004) e que resistem as tentativas de capturas majoritárias de seus corpos e subjetividades.

A potência dos movimentos das crianças e da infância, está na possibilidade de pensar os currículos a partir daquilo que as afeta e assim, “[...] criar novos pensamentos curriculares que não mais reproduzam nem executem o normatizado, mas ousem impulsos inovadores” (CORAZZA; TADEU, 2003, p.31). Criar e (des)inventar currículos-outros que fazem ecoar algumas perguntas, agora nossas: O que pode os currículos (des)comportados? Em que medida os currículos que escapam e escorregam pelas rampas, pelo pátio e outros *espaçostempos* do território escolar podem nos ajudar a pensar as discussões sobre os currículos da Educação Infantil?

### 3 CONVERSÇÕES EM MOVIMENTOS SEM FIM

Nessas conversações que não começam e nem cessam por aqui, mas continuam ecoando, em nós, nessa escrita e no território existencial da pesquisa, as crianças e a infância instauraram movimentos de resistência para pensarmos as composições de currículos-outros, que possam brincar mais, escorregar, escapar; currículos cheios de vida, que escapam à prescrição e que inventam outros modos de ser, no presente.

Em meio as tensões no território da Educação Infantil, *Chaves Marelúcio* questiona as imagens dos currículos produzidos na escola, a docilização dos corpos infantis e o que significa aprender na Educação Infantil. Provoca-nos a refletir sobre as existências dos currículos, em outro idioma: o da (des)invenção. Dizeres potentes que se constituem numa língua, cujo devir abre “rasgões”, desestabiliza e afirma outros modos de composições curriculares, como acontecimento, sensações, criação e diferença.

Currículos-outros invencionados por uma infância que o faz delirar e que tensiona o que está posto na escola; Uma infância que (des)inventa currículos, para que estes lhe possibilitem “se sentir em casa”. Currículos onde elas possam brincar mais, pois, estão atentos ao seu tempo, suas condições, seus desassossegos, seus ócios.

**Palavras-chave:** Infância; Currículo; Diferença; Educação Infantil.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. **Crianças e guerra:** as balas perdidas! In: childhood & philosophy, Rio de Janeiro, v. 16, p. 01–14, mai. 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643858>. Acesso em: 19 nov.2020.

BARROS, L. P., & KASTRUP, V. (2015). Cartografar é acompanhar processos. In: Passos, E., Kastrup, V., & Escossia, L. **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (pp.52-75). Porto Alegre: Sulina.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças.** – Rio de Janeiro : Alfaguara, 2016.

CARVALHO, Janete Magalhães. **Cotidiano escolar como comunidade de afetos.** Petrópolis, RJ: DP et alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.

CARVALHO, Janete Magalhães (Org.). **Infância em territórios curriculares.** Petrópolis, RJ: DP&A, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara; TADEU, Tomaz. Manifesto por um pensamento da diferença em educação. In: CORAZZA, Sandra Mara; TADEU, Tomaz. **Composições.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 9-17.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto-Alegre-RS :Doisa, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Vol. IV. São Paulo: Editora 34, 1997.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (org.). **Conversas como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

KOHAN, Walter Omar. **A infância da educação: o conceito devir-criança.** In: Kohan,Walter (org). Lugares da infância: Filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância – Ensaio de filosofia e educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KOHAN, Walter Omar. A devolver (o tempo d)a infância à escola. In: ABRAMOWICZ, Anete; TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos (Org.) **Infância e pós-estruturalismo.** São

Paulo: Porto de Idéias, 2017. (pp. 11-14)

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. Les Editions de Minuit n-1 ed. 2017.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. 4. ed. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PARÁISO, Marlucy Alves. **Diferença no currículo**. Cadernos de Pesquisa, v.40, n.140, p. 587- 604, maio/ago, 2010. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n140/a1440140.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Editora UFRG, Porto Alegre, 2011.

SANTOS, Suzel Domini dos. **A metalinguagem em Manoel de Barros: uma tática da criação**. Estação Literária. Londrina, Vagão. Vol. 8 parte B, p. 120-130, dez. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8BArt16.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.

SKLIAR, Carlos. **A escuta das Diferenças**. Ed. Mediação. 1ª ed. 2019.

ZOUAIN, Ana Cláudia Santiago. **Crianças cineastas e seus roteiros criarteiros**: infâncias, currículos e docências inventivas. 2019. 156 f. Dissertação (Mestrado profissional em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, 2019.